

Sobreviver aos próximos meses

por Ângela Bittencourt
de São Paulo

“O principal desafio do sistema financeiro nacional para os próximos dez anos é sobreviver nos próximos nove meses.” Esta é a síntese feita por Álvaro de Souza, presidente do Banco ABC Roma, que reflete a expectativa não apenas de banqueiros, mas de operadores e funcionários de áreas administrativas que reconhecem a dificuldade de enxergar os anos 90. Há consenso sobre um ponto, porém: o de que sobreviverá quem se tornar enxuto, ágil e eficiente.

O presidente do ABC Roma pondera que as projeções sobre o redesenho do sistema financeiro nacional são frágeis, na medida em que ele está inserido numa indústria em fase de profundas transformações no mundo. “A indústria financeira passa por um ajuste colossal a nível global e no Brasil este momento é agravado pelas mudanças introduzidas na economia pelo Plano Collor. O grande desafio será redimensionar seu próprio tamanho e agilidade, transformando-se de um dinossauro em lebre.”

Para Álvaro de Souza, o caminho até chegar a este ponto é acidentado. O reajuste dos salários para o piso da categoria em 105% — acordado nesta semana entre o comando nacional dos bancários e a Federação Nacional dos Bancos (Fenabran) — produzirá um aumento vigoroso nas despesas das instituições, que não observam com tranquilidade as concordatas deferidas pelo Judiciário envolvendo empresas de porte e também não ignoram o efeito devastador de uma recessão mais profunda caso a política monetária sofra aperto mais grave como resultado, no mínimo, de um estrangulamento natural na oferta de



Álvaro de Souza

moeda. Isso aconteceria caso a curva inflacionária insistisse na alta enquanto o Banco Central persegue as metas de expansão monetária previamente estabelecidas.

O sistema vai tropeçar até um ajuste mais amplo de toda a sua estrutura. No entanto, os bancos não abandonam a meta original — reforçada pelo Plano Collor — de uma volta ao financiamento do setor produtivo, como alavanca do desenvolvimento.

“Como entidade, o sistema financeiro — independentemente de qualquer ajuste — continua investido do papel de reciclagem de riscos. É ele que transfere a poupança com preços e prazos diferentes a tomadores que, numa economia estável, estão apegados a operações de vulto que vão muito além do capital de giro. O desenvolvimento implica financiamento de projetos de longa maturação muitas vezes e são as instituições os bancadores tradicionais desses riscos”, reforça Souza.

O presidente do ABC Roma concorda com Carlos da Câmara Pestana, presidente do Banco Itaú, que considera inexorável a caminhada do País para a estabilidade.

Um primeiro passo a ser dado pelo sistema numa

velocidade imprevisível implica novo perfil global. Álvaro de Souza não hesita em afirmar que “nos próximos meses ainda vivemos desequilibrados e o resultado final tende ao seguinte: nos tornaremos menores, mais ágeis e em menor número também”.

O presidente do Banco Mercantil de Crédito (BMC), Jaime Pinheiro, arrisca o tamanho do ajuste. Em entrevista recente a este jornal ele estimou que num cenário de economia estável e inflação de 2,5 a 3% ao mês o sistema bancário não escapa de um corte de 50% da quantidade de casas e pontos-de-venda.

Esta reformulação de perfil não passa ao largo de uma remodelação de instrumentos para compra e venda de dinheiro e também não despreza a importância do desenvolvimento urgente do mercado de capitais. Os negócios estão se sofisticando, exigindo maior dedicação às transferências eletrônicas de informação que, nesta semana, por exemplo, deram um salto extraordinário com o lançamento das operações interbancárias com liquidação financeira eletrônica diretamente na conta de reservas bancárias disponíveis. Este sistema novo vem engrossar o já conhecido trabalho da Central de Liquidação Financeira de Títulos Privados (Cetip) e do Sistema Especial de Liquidação e Custódia de Títulos Públicos (Selic).

Dentro desse contexto mais sofisticado, ágil e caro, certamente entra em discussão o papel das corretoras e distribuidoras que não se transformaram em bancos. As corretoras, contudo, continuam tendo uma participação considerada importante nas intermediações do mercado de câmbio e ação.